

PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Anselmo Batista de OLIVEIRA¹

SCALCON, Suze. *À procura da unidade psicopedagógica: articulando a Psicologia Histórico-Cultural com a Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

No livro *À Procura da Unidade Psicopedagógica: articulando a Psicologia Histórico-Cultural com a Pedagogia Histórico-Crítica*, Suze Scalcon propõe uma reflexão com o intuito de contribuir para o estabelecimento de bases psicológicas para a pedagogia histórico-crítica. No trabalho, a autora reafirma a necessidade de uma psicologia que considere o indivíduo concreto, partindo do pressuposto de que é possível constatar a existência de afinidades entre a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, por ambas partilharem da mesma matriz teórica, ou seja, o materialismo histórico-dialético. Embora o livro tenha algum tempo de lançamento, a resenha importa em virtude da atualidade da temática e da necessidade da reflexão sobre a articulação psicologia-pedagogia.

Na obra, as idéias e as concepções pautadas tanto na crítica do modo capitalista de produção, como nas condições sociais por ele determinadas, fundamentam a existência do pensamento pedagógico crítico a partir de uma teoria crítica da realidade social capitalista. No livro, a pedagogia histórico-crítica está situada

no quadro das tendências críticas da educação brasileira, especialmente como desenvolveu Dermeval Saviani.

A pedagogia histórico-crítica lança suas bases na busca do resgate da natureza, no qual a educação aparece na categoria de trabalho não-material. Assim, surge o destaque do elemento central da pedagogia histórico-crítica: o saber objetivo, que é definido como aquele produzido histórica e culturalmente pelo homem. A pedagogia histórico-crítica entende a educação como um processo que se caracteriza por sua atividade no seio da prática social global.

Nesse sentido, a psicologia pode contribuir com a educação na medida em que aborda a consciência por meio da descrição e da explicação da origem sócio-histórica do desenvolvimento psicológico. Entretanto a psicologia histórico-crítica tem apresentado poucas referências em relação às contribuições que a psicologia pode fornecer à pedagogia crítica. Apoiando-se na história da psicologia, a autora aborda suas principais contribuições para a educação, agrupando-as em quatro tendências: objetivismo,

¹ Jornalista, radialista e mestrando junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: <anselmo@puc-campinas.edu.br>.

subjetivismo, interacionismo e psicologia histórico-cultural.

No primeiro capítulo, A Psicologia e suas repercussões na Educação, a autora Suze Scalcon dedica-se à discussão das relações entre psicologia e educação. Para isso, declara que o objetivismo constitui-se numa orientação filosófica que admite somente a existência de determinado princípio espiritual, o qual é identificado como uma espécie de razão superior que se diferencia da consciência humana por seu teor universal e divino. Assim, o mundo físico e a natureza têm sua existência a partir de uma vontade que não possui vinculações com a consciência do homem. O objetivismo baseia-se na crença de que as capacidades básicas de cada ser humano são inatas, e o conhecimento estaria predeterminado nas estruturas internas do indivíduo. Dessa forma, a tomada do comportamento como objeto justificativa-se pelo fato de somente ele poder ser diretamente observável, controlável e previsível.

A orientação subjetivista reconhece apenas a existência do *eu* humano, sua consciência e existência espiritual. Trata-se de uma consciência que determina o mundo material ao mesmo tempo em que o conhece; assim, o mundo estaria na consciência humana, no sujeito individual. Por isso, os sentidos e as sensações ganham destaque nessa perspectiva, pois todas as coisas são criadas pela consciência e baseadas na experiência. A psicologia subjetivista destaca a natureza individual como autônoma e livre de influências do ambiente social, pois nega a existência de qualquer coisa fora do homem, o que atribui ao processo educativo a tarefa de exaltar as predisposições naturais do educando e de suas necessidades.

Na tentativa de aproximar-se cada vez mais da realidade humana e de suas possibilidades de conhecimento, surge o interacionismo como perspectiva epistemológica capaz de romper a dicotomia sujeito e objeto. Foi Jean Piaget quem inaugurou uma nova forma de conceber o homem na sua relação com o conhecimento. Esse autor dedicou-se à realização

de trabalhos sobre o desenvolvimento da criança e o desenvolvimento da inteligência. Nesse interacionismo, entretanto, outro elemento exerce papel fundamental: a ação. Compreendida como instrumento de troca, a ação caracteriza-se por sua propriedade de simultaneidade e reciprocidade. Assim, dois são os processos complementares que conduzem ao que Piaget denomina auto-regulação do sistema cognitivo: assimilação e acomodação.

A perspectiva histórico-cultural surgiu originariamente de estudos realizados por Vygotsky. Para ele, o desenvolvimento comportamental dos seres humanos é fundamentalmente governado não pelas leis da evolução biológica, mas pelas leis do desenvolvimento histórico da sociedade.

A perspectiva histórico-cultural entende que o homem é um ser histórico que constrói por meio de suas relações com o mundo natural e social. Mais do que isso, é um homem que se diferencia como espécie pela capacidade de transformar a natureza por meio do seu trabalho e de instrumentos por ele mesmo criados e aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento histórico humano. Diferente do interacionismo, aqui se parte do social para o individual, pois o homem é entendido como sujeito ativo e como sujeito que constitui sua consciência e formas de ação nas relações sociais. A educação, na psicologia histórico-cultural, assume uma tarefa primordial, sem a qual não será possível o desenvolvimento pleno da criança. Além disso, nessa perspectiva a educação deixa de ser um simples campo de aplicação da psicologia, pois se torna determinante do desenvolvimento psicológico do educando.

Em Perspectiva crítica da Educação e a Pedagogia Histórico-Crítica, segundo capítulo do livro, a autora propõe-se a realizar uma exposição sistemática da pedagogia histórico-crítica, caracterizando a perspectiva crítica da educação no quadro das teorias educacionais. Tal perspectiva nasce da crítica da realidade social capitalista e das diversas formas de relacionamento entre educação e sociedade.

No capítulo, a autora trata da pedagogia libertária, pedagogia libertadora e pedagogia histórico-crítica. São as três teorias pedagógicas que mais se destacam e que se agregam pelo teor progressista de seus postulados.

A pedagogia libertária caracteriza-se pela busca da promoção de um tipo de educação racional, na qual deve ocorrer uma progressiva abolição da autoridade em benefício da liberdade, em que a criança não admita delegar sua capacidade de decisão e de escolha; afinal, a educação das crianças deve sucessivamente desembocar na mais completa liberdade.

A pedagogia libertadora assume um tipo de educação não-formal, tendo como justificativa de sua não-formalidade o contexto e as circunstâncias das quais se originou. A pedagogia libertadora e sua prática educativa fundam-se na concepção de homem-mundo. Trata-se, entretanto, de uma prática que tem concepção pedagógica e método de ensino próprios. Nela, a escola é substituída por uma unidade de ensino denominada Círculo de Cultura.

Para explicar a pedagogia histórico-crítica, a autora parte do conteúdo de algumas das principais obras de Dermeval Saviani. A pedagogia histórico-crítica apresenta-se como a que mais tem gerado polêmicas nas discussões e debates sobre os problemas da educação brasileira, por priorizar os conteúdos em detrimento dos processos e métodos. Sobre isso, Saviani responde que os conteúdos não representam a questão central da pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola.

No terceiro capítulo, intitulado Elementos para reflexão sobre uma possível unidade entre a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico Crítica, a autora toma posse dos elementos que lhe permitem buscar a unidade psicopedagógica mediante a apresentação e a análise das correlações entre a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. Afirma que a realidade na qual vive o homem é objetiva e concreta, caracterizando-o como ser histórico-social.

A operação do pleno desenvolvimento operado pela educação escolar vincula-se ao conceito de desenvolvimento psicológico. Para a psicologia histórico-cultural, é a aquisição de valores, significados e conceitos oriundos da história social que representa e determina o conteúdo da consciência e perfila as diferentes formas de ação (atividade) da criança nas suas interações com o mundo.

Na perspectiva histórico-cultural, o professor desempenha o papel de mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento, entre o educando, o conteúdo de ensino e a realidade. A psicologia histórico-cultural tem no ensino escolarizado um instrumento mediador das relações entre a criança e o mundo, entre a aprendizagem e o desenvolvimento, que, como tal, se materializa pela intervenção pedagógica.

Da mesma forma como a psicologia histórico-cultural fundamenta-se no materialismo histórico-dialético, a pedagogia histórico-crítica vai até ele para alicerçar-se como teoria pedagógica. O método de ensino preconizado pela pedagogia histórico-crítica inspira-se na concepção dialética da ciência e assume a forma de uma trajetória a ser percorrida. A pedagogia histórico-crítica preconiza uma educação que se relacione dialeticamente com a realidade, devendo ser uma educação comprometida com a realidade social. Nessa teoria pedagógica, o centro são os métodos de ensino que partem da diferença entre professor e aluno, visando elevar os alunos ao nível cultural dos professores. Dessa forma, o saber e a prática pedagógica baseiam-se na natureza e especificidade da educação.

A psicologia histórico-cultural concebe o homem como um ser biopsicossocial, o qual se desenvolve a partir das interações estabelecidas com o mundo natural e com os seus semelhantes. Por fim, declara que a psicologia é fundamental para a pedagogia na medida em que analisa, explica e descreve como se processa o desenvolvimento cognitivo da criança por meio da formação de diversas funções psicológicas superiores. A utilização da psicologia pela pedagogia deve ultrapassar as fronteiras de um relacionamento utilitarista e formal.

O trabalho desenvolvido por Suze Scalco torna-se atual e importante por sugerir uma discussão e reflexão acerca da existência de diferentes formas de encaminhamento do trabalho pedagógico do professor. Porém a própria autora reconhece que o trabalho é uma “tentativa precária e inicial” na busca pela construção de uma pedagogia histórico-crítica, em termos de formulação de possíveis bases psicológicas.

Chega à conclusão de que a psicologia histórico-cultural, ao tratar do tema aprendizagem e desenvolvimento, explica o modo como a educação escolarizada influencia na formação e no desenvolvimento psicológico do ser humano. A formação da pessoa humana aparece como elemento determinado pelo ensino, cuja possibilidade imanente é de tornar-se elemento determinante.

Importante destacar que *À Procura da Unidade Psicopedagógica* possui trechos extensos que, em alguns momentos, tornam a leitura cansativa e pouco interessante para o leitor. Além disso, a autora escolhe e prioriza a opinião de alguns estudiosos da área, deixando de lado a diversidade de opiniões comumente observadas na área acadêmica. No entanto, o texto é rico na medida em que explora um campo instigante e razoavelmente pouco trabalhado, qual seja, o das relações entre a abordagem vigotskiana em psicologia e a pedagogia histórico-crítica.

Recebido em 31/1/2008 e aceito para publicação 19/3/2008.